

Da desumanização à criação: a revolução no antropoceno em *A nossa alegria chegou* de Alexandra Lucas Coelho*

Margarida Rendeiro** 

Uma vez institucionalizada e aceite a exploração animal como parte da ordem natural das coisas, ela abriu as portas a maneiras semelhantes de tratar outros seres humanos, abrindo caminho a atrocidades, tais como a escravidão humana e o Holocausto.
Charles Patterson¹

É a multidão que comanda a história
António Negri

No dia 17 de fevereiro de 2006, depois de chuvas torrenciais, a cidade de Guinsaugon, ao sul da ilha de Leyte, nas Filipinas, foi soterrada quando uma montanha inteira desabou, matando mais de 1.126 pessoas. O desmatamento causado pela extração ilegal de madeira foi apontado como a principal causa do desastre. Em 6 de janeiro de 2012, o rebentamento de um dique desalojou 4.000 pessoas no estado do Rio de Janeiro. Em 25 de janeiro de 2019, a rutura de três barragens de resíduos de ferro localizadas em Brumadinho, no estado de Minas Gerais, causou o desaparecimento de centenas de pessoas e contaminou as águas. Segundo o Greenpeace Brasil (2018), o desmatamento da Amazónia registrou o maior crescimento dos últimos dez anos em 2018: 13,7%; 7,900 km² de vegetação destruída com o impacto devastador quer na vida dos povos da floresta, quer no equilíbrio climático do planeta. A enumeração poderia prosseguir e continuaríamos a registrar catástrofes ambientais provocadas por sucessivos desmatamentos, poluição de águas, queima continuada de combustíveis fósseis e pecuária extensiva para gado de corte, entre outros exemplos de intervenção humana. As alterações climáticas e o desequilíbrio dos ecossistemas resultante do impacto da intervenção humana têm levado os

* Este artigo recebeu o apoio do CHAM (NOVA FCSH/UAc), através do projeto estratégico patrocinado pela FCT (UID/HIS/04666/2019)

** Investigadora Integrada CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa. Professora auxiliar Universidade Lusíada de Lisboa, Portugal. E-mail: mmrendeiro@netcabo.pt.

¹ No original: Once animal exploitation was institutionalized and accepted as part of the natural order of things, it opened the door to similar ways of treating other human beings, thus paving the way for such atrocities as human slavery and the Holocaust (PATTERSON, *Eternal Treblinka*, p. 12)

cientistas a considerar que estamos perante uma nova era geológica a que se convencionou chamar Antropoceno.² Se há uma ausência de consenso relativamente à datação do fim do Holoceno e a do início do Antropoceno, é porventura mais consensual considerar o Antropoceno como intrinsecamente relacionado com o capitalismo, a guerra, o poder e as profundas desigualdades em escala global. Por estes motivos, o sociólogo Gerard Delanty defende que o Antropoceno não constitui simplesmente uma condição objetiva da mudança planetária; ele configura, sobretudo, um conceito com dimensão temporal, política e cultural, através da qual “as sociedades contemporâneas podem ser interpretadas” (DELANTY, 2018).

A nossa alegria chegou (2018) de Alexandra Lucas Coelho é um romance político que se posiciona face às consequências socioambientais da prevalência de uma ordem mundial dominada pelo capitalismo voraz que desencadeou o processo de globalização de produção e de trocas económicas, agravando as desigualdades sociais. Hardt e Negri chamaram a este processo *Império*, um conceito que “se caracteriza pela ausência de fronteiras” (2001, p. 14) e que se apresenta “em seu modo de governo, não como um momento transitório no desenrolar da História, mas como um regime sem fronteiras temporais, e, nesse sentido, fora da História ou no fim da História” (2001, p. 15). Criando o mundo que habita, o *Império* “procura reger diretamente a natureza humana” (HARDT e NEGRI, 2001, p. 15). Na imposição deste império, a desumanização dos explorados é normalizada e aceite. Charles Patterson viu nesta normalização o princípio do horror (PATTERSON, 2002). Em *A nossa alegria chegou*, esse horror é o pilar que sustenta a ordem implementada em Alendabar desde o início.

Este romance mostra como a literatura pode pensar estas questões e desenha um corte radical com um espaço sem fronteiras, tal como ele se encontra atualmente organizado, totalmente açambarcado por um sistema de exploração de trabalho desumanizado que exaure os recursos naturais, contamina displicentemente e descarta o que não gera lucro, substituindo-o por um conceito de espaço organizado numa práxis que reconcilia o humano – enquanto ser vivo e animal – com o meio ambiente, assente numa ecologia de saberes ancestrais que, em função do sistema de economia capitalista e de processos coloniais, foram histórica e socialmente subalternizados. A este corte, o romance de Alexandra Coelho chama revolução: arrasadora dos dispositivos de violência, centralizadores do poder e do saber, implementados unicamente para gerar lucro, e radical na afirmação da importância da expressão do corpo, da expressão das emoções e sentimentos e na experiência da empatia. A antropofagia, entendida como a assimilação do Outro como forma de transformação da força e do poder do outro para reforçar a sua própria força, ganha fôlego na narrativa e fortalece visualmente, por um lado, a importância do corpo para além da sua coisificação e, por outro lado, enquanto parte de uma ecologia de saberes ancestrais que nada tem a ver com a mera destruição do

² Foi o biólogo Eugene F. Stoermer quem cunhou o termo “Antropoceno”, que foi popularizado pelo Nobel da Química Paul Crutzen no início de 2000.

corpo, fazendo a ligação entre os mundos visível e invisível, e impondo-se como parte da resistência contrária à centralização dos saberes e hierarquização do poder. A estruturação do saber – e do poder a ele aliado – que emerge da revolução é como um rizoma, tal como este foi descrito por Deleuze e Guattari (1995).

Antes de prosseguir com a leitura, recupero, em breves linhas, o enredo de *A nossa alegria chegou*, que se situa em Alendabar, espaço totalmente criado de novo. Três jovens, Ossi, Ira e Aurora, unidos pelo pacto que firmaram e pelos meandros da história que os juntou, decidem destruir uma fazenda de criação extensiva de gado para produção de carne, libertando todos os que nela trabalham e vivem sob o jugo de um Rei, alguém cujo nome nunca conhecemos e cuja existência se pauta pela cegueira do lucro obtido à custa de um sistema de exploração desumanizado e pela repugnância pelo contacto físico e pelas relações humanas. É assim chamado somente pela riqueza acumulada e não por qualquer filiação monárquica. Ser Rei significa estar no comando de uma ordem constituída para se servir, rodeando-se do máximo conforto e usufruindo do lucro gerado pela exploração de outros corpos. No pacto dos jovens, está incluído o rapto do bebé de Clara para ser criado por Aurora, amiga fiel. Clara foi uma jovem cujos direitos biológicos sobre o seu corpo foram cedidos pelos pais ao Rei para que ela pudesse ser inseminada artificialmente e gerar-lhe um herdeiro, tendo falecido durante o parto. A esta propriedade chega Zu, um insurgente não-confesso, que pretende libertar progressivamente o mundo do sistema opressivo imposto pela competitividade tecnológica, para comprar uma pequena área abandonada pelo Rei por não gerar lucro e se instalar com a sua inteligência artificial e dar continuidade aos seus planos. Simultaneamente, Félix e Úrsula deslocam-se à praia, orla marítima contígua à propriedade do Rei, para realizar uma cerimônia fúnebre com as cinzas de Atlas, pai e companheiro falecido, que inclui lançar a maior parte das cinzas na foz do rio e comer uma pequena parte das cinzas misturadas com polpa de moramba, um fruto de Alendabar. Toda a ação desenrola-se durante as doze horas que dura o equinócio de outono e que se precipitam em contagem decrescente até à hora final do não-retorno.

Equinócios e cartografias

O equinócio de outono define a linha estrutural de *A nossa alegria chegou*, cujo enredo se precipita vertiginosamente até à última das horas da duração deste fenómeno. Durante doze horas, os hemisférios norte e sul recebem a mesma quantidade de luz quando o Sol incide diretamente sobre a linha do Equador. Retifica-se, assim, a sobre-exposição solar de um dos hemisférios proporcionada pelo solstício de verão. É a justiça cósmica em ação a oferecer as mesmas condições de visibilidade a qualquer um dos hemisférios, invisibilizando a divisão marcada pela linha do Equador; nas palavras de Úrsula: “Norte e Sul iluminados por igual, o dia com a mesma duração da noite, doze horas de luz” (COELHO, 2018, p. 20).

O equinócio de outono neste romance faz mais do que estruturar o enredo em capítulos e delimitar o tempo da ação. Durante este período, fica exposta a estruturação do pensamento abissal moderno ocidental cujas linhas compõem uma outra cartografia sugerida na diferenciação entre Norte e Sul.³ Assenta numa diferenciação entre distinções visíveis e invisíveis que justificam as visíveis; esta linha divide a realidade social em dois polos; como define Maria Paula de Meneses sobre o trabalho de Santos: “o universo ‘deste lado da linha’, o da metrópole, e o universo ‘do outro lado da linha’, o do espaço colonizado” (SANTOS, 2018, p. 28).

Norte e Sul constituem a divisão socioeconômica e política que atualiza a Teoria dos Mundos, separando o grupo dos países desenvolvidos, o grupo do Norte, dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, o grupo do Sul. A história mostra que o desenvolvimento da indústria, um dos vetores do chamado progresso civilizacional no grupo dos países do Norte, assenta nas matérias primas extraídas do grupo dos países do Sul. Os processos de globalização que se intensificaram a partir do último quartel do século XX criaram interdependências que, como afirma Santos, “deix[aram] de fazer sentido distinguir entre Norte e Sul e, aliás, igualmente entre centro, periferia e semiperiferia do sistema mundial” porque “quanto mais triunfalista é a concepção da globalização menor é a visibilidade do Sul ou das hierarquias do sistema mundial” (SANTOS, 2018, p. 426).

Em Alendabar, onde “a história do mundo começou” (COELHO, 2018, p. 24), o verdadeiro resultado do desenvolvimento e do progresso é visível à medida que a escala de representação diminui. De helicóptero, e olhando do céu, Alendabar é uma praia “[a] baía mais majestosa”, numa região onde existem “pequenas ilhas debruadas por corais com certeza ainda vivos: esmeraldas, cobaltos, fúcias, limas. Nenhum sinal de embranquecimento, de colapso, tanto quanto avista” (COELHO, 2018, p. 23). Os olhos que veem de longe não identificam “nem muros nem mastins” (COELHO, 2018, p. 24). O olhar que vê a paisagem ao longe é o olhar superficial que não deteta a realidade que só a proximidade revela. A linha que marca a fronteira existe: uma vedação marca toda a região do interior a partir do litoral porque foi comprada e progressivamente arrasada pelo Rei. Ao nível do solo, descobre-se o resultado da implementação de um sistema de exploração capitalista violento e desumanizado:

Cá em baixo, entretanto, o rio incandescente luta pela vida. Cardumes de guelra aberta descem para o oceano, onde dragões-marinhos abraçam cotonetes, latas de refrigerantes dão à luz crustáceos, amores loucos, mutantes, que não se vêem de helicóptero, nem num fim de semana. Ninguém mede o veneno no rio desde que o Rei chegou, com os seus planos de gado e minério. O gado carecia de muita água. O minério, de um dique para os resíduos, que pouco depois rebentou. E os ribeirinhos viram o rio

³ A expressão “pensamento abissal” é de Boaventura Sousa Santos, que o considera a base estruturante do pensamento moderno eurocêntrico.

vir como nunca, numa enxurrada castanha. Sementeiras, animais, casas, levou tudo (COELHO, 2018, p. 24).

As terras são desbravadas por servos do Rei, que também se ocupam do abate das reses. O abate implementado caracteriza-se pela crueldade do sistema implementado, enquanto se reveste de opacidade que impede a percepção da realidade de forma semelhante ao olhar de alguém que, num avião, mira a realidade de longe.

Charles Patterson (2002) defende que as raízes do genocídio cometido durante o nazismo, a escravatura social e a matança de animais são as mesmas, apontando que as práticas das instituições americanas em matadouros serviram de modelo à matança nos campos de concentração. No romance de Alexandra Coelho, desenha-se um paralelismo entre a matança e a desumanização dos animais e a desumanização dos corpos humanos explorados. Esse paralelismo insinua-se na localização do matadouro e do alojamento dos servos, este atrás do primeiro. São os servos quem tem de se ocupar do abate do gado. Além disso, os nomes que os identificam, reses e servos respetivamente, remetem-nos fundamentalmente para a condição de servitude em benefício de outrem. Como reses, os animais servem apenas para alimentação humana. Aos servos, nomenclatura que os coloca na base da hierarquia social, é destituída vontade própria e ação: “Antes de o dia clarear, já todos os servos do Rei *têm de estar comidos e bebidos*, eufemismo para uma cabaça de farinha com água” (COELHO, 2018, p. 27, grifo nosso). O uso das formas passivas afirma a natureza biopolítica do poder que controla a vida social, retirando-lhes autodeterminação e acentuando simultaneamente o caráter antropofágico do poder, colocando servos e reses em posição de igualdade.

O matadouro oficial é um espaço higienizado que, aparentemente, limita o sofrimento animal pelo facto de usar uma pistola que inanima os animais antes da degola. Contudo, a preocupação em evitar o sofrimento animal não se deve a sentimentos humanistas, mas a propósitos economicistas: “está provado que o sofrimento prejudica o produto final” (COELHO, 2018, p. 28). Hardt e Negri defenderam que “[n]ão existe nada, nenhuma ‘vida nua e crua’, nenhum panorama exterior, que possa ser proposto fora desse campo permeado pelo dinheiro; nada escapa do dinheiro” (HARDT e NEGRI, 2001, p. 51). A possibilidade de empatia com o sofrimento é substituída pelo seu potencial económico enquanto penalização do valor económico do produto final: “assim, obtém-se melhor carne no prato e, de brinde, carimbo humanitário” (COELHO, 2018, p. 28). Para além da aparência de matadouros controlados, esconde-se a realidade da voracidade selvagem pelo lucro que, longe dos olhares indiscretos, “um universo paralelo, pelas traseiras” (COELHO, 2018, p. 28), estimulado pelo Rei que se traduz no método brutalizado de “marreta no crânio” desferida várias vezes nas cabeças das reses. O número excessivo de cabeças de gado criadas para o abate faz disparar os níveis de gás metano e de óxido nítrico que vão contribuindo para o “abate do próprio céu” (COELHO, 2018, p. 51).

Tal como os animais, também os corpos humanos são desumanizados, numa união que se afirma através do medo que os subjuga e irmana, reses e servos. A relação laboral é um custo penoso que se controla com rigor porque “[d]e despesa em despesa é que os servos se fazem. E o medo faz de rédea” (COELHO, 2018, p. 52). Da mesma forma, as reses são dominadas pelo medo: “patinha-se no sangue, respira-se sangue. O cheiro do sangue aterroriza as reses” (COELHO, 2018, p. 27). Tal como o matadouro, o alojamento dos servos é igualmente “opaco”, localizado atrás do matadouro, “não vá algum convidado sair da rota, achar-se onde não deve” (COELHO, 2018, p. 25). A existência de um capataz e de um sub-capataz, ciosos de “mostrar quem manda desde o começo” porque “[o] exemplo [...] a melhor propaganda” (COELHO, 2018, p. 177), assegura que a estrutura de trabalho se mantenha ininterruptamente a bem do lucro final. Aos servos são retirados os nomes, tal como lhes fora proibida a língua antiga; são conhecidos por números sequencialmente atribuídos para que o Rei tenha “uma noção imediata de quantos servos Alendabar já lhe custou” (COELHO, 2018, p. 52).

A cartografia desenhada em *A nossa alegria chegou* tem passado e tem memória. Santos afirma que a modernidade ocidental se construiu a partir de um olhar hegemónico que reduziu o Outro à não-existência (SANTOS, 2018, p. 645). A experiência do progresso civilizacional em Alendabar compreende toda a experiência de um Sul Global que tem no colonial o seu grau zero de construção da conceção de conhecimento e de direito (SANTOS, 2018, p. 644). O Sul significa “a forma de sofrimento humano causado pela modernidade capitalista” (SANTOS, 2018, p. 118):

Foi dos primeiros servos a chegar quando começaram a dar à costa aqueles barcos atulhados de gente. Vinha empilhado sobre outros, trazia o nome do outro lado do mar, e até hoje é assim que velhos e novos lhe chamam, sem que o Rei saiba (COELHO, 2018, p. 53).

É esta a memória do Sul Global como memória do colonialismo que sustentou o progresso e os índices de desenvolvimento do Norte e que se renova na visão desumanizadora do Outro. Na descrição dos “navios de três mastros que vieram adoecer Alendabar” (COELHO, 2018, p. 81) ecoam reminiscências do padecimento do Sul, as doenças que vieram do Norte e que dizimaram populações do Sul ou o tráfico transatlântico de levados para plantações de açúcar. Olhares que se poderiam também atualizar na indiferença atual face a barcaças de migrantes indocumentados a cruzar o Mediterrâneo. São formas de invisibilização dos povos do Sul Global que se renovam ao longo da história. A condição de servidão desses povos, o apagamento dos seus traços identitários – o nome e a língua – em função de uma dimensão utilitarista para consumo do sujeito civilizador, tendo à disposição as várias formas de subordinação: a expropriação, a supressão, o silenciamento e a diferenciação desigual, entre outras (SANTOS, 2018, p. 117).

Nesta dimensão metafórica de Sul, cabe igualmente o patriarcado construído historicamente como forma de poder que subalterniza a mulher. A condição hu-

mana bípede foi conseguida à custa do estreitamento da pélvis, cabendo a fatia de sofrimento maior à mulher porque dificulta o parto (COELHO, 2018, p. 87). A gestação enquanto poder da vida é a condição maldita da mulher:

A visão negativa das mulheres. Umhas, porque são o demónio, outras, porque são fracas. Em todos os hemisférios, em regiões sem relação umas com as outras, em muitas histórias da criação, as mulheres fazem coisas horríveis, são assassinas, traiçoeiras, ou então incapazes, menores. [...] são as mulheres que engravidam. E os homens desde sempre tentaram criar formas de dominar esse poder (COELHO, 2018, p. 153-154).

Alendabar é um espaço que não corresponde a nenhuma região em particular do mundo, sugerindo características da exuberância da fauna e da flora que poderíamos encontrar algures na América do Sul, na África subsariana ou nas ilhas do Pacífico, com os seus vulcões, rios, mares, selva explorados e os povos subjugados por renovadas formas coloniais de poder. Alendabar guarda a experiência e a memória do Sul Global. É um lugar onde está “[o] mal de toda a parte” e o mal de Alendabar está “em toda a parte” (COELHO, 2018, p. 64), da mesma forma que “[o] Sul está espalhado, ainda que desigualmente distribuído, pelo mundo inteiro, incluindo o Norte e o Ocidente” (SANTOS, 2018, p. 117).

A dicotomia Norte/Sul não é a única possibilidade de linha de pensamento abissal da cartografia que se desenha em *A nossa alegria chegou*. As personagens Rei e Zu, o convidado do Oriente, sugerem uma outra dicotomia: Ocidente/Oriente. Tendo trabalhado para um rei global, triliardário de tecnologia, Zu define-se como um insurgente que decidiu “captar crânios para refúgios naturais onde o futuro possa ser resgatado, dando-lhes condições inéditas de pesquisa” (COELHO, 2018, p. 36). Pretende comprar uma área abandonada pelo Rei na selva de Alendabar para prosseguir com os seus planos de libertação das grandes corporações. Zu é profundamente ligado a Jade, inteligência artificial alojada no seu computador, único ser com quem Zu verdadeiramente interage.

No plano narrativo, o Rei e Zu são profundamente ligadas, sucedendo um quase sempre ao outro: a chegada de Zu é antecedida por uma secção em que o Rei presente a aproximação do helicóptero (COELHO, 2018, p. 23); quando Zu termina de tomar banho e pensa no seu trabalho como o seu futuro, o Rei prepara-se para tomar o seu, pensando no filho como possibilidade da sua imortalidade (COELHO, 2018, p. 70-71). Um poderá ser o espelho do outro, ou como reflete o Rei: “e seria o fim do Oriente ou o princípio do Ocidente? Haveria diferença entre as duas coisas?” (COELHO, 2018, p. 84). Por outro lado, ambos padecem da incapacidade de sentir empatia, enquanto a sua visão do mundo é egocentrada nas suas necessidades íntimas, aspirações pessoais e objetivos profissionais. No Rei, a incapacidade de se relacionar com o Outro manifesta-se como impotência sexual. Ambos experimentam o tédio da convivência. Distingue-os o nível de autorreflexão: o convidado do

Oriente parece mais próximo de reconhecer essa incapacidade, aceitando-a: “difícil é a empatia. Não apenas ser capaz de a identificar, compreender ou mesmo reproduzir. Mas senti-la, de facto” (COELHO, 2018, p. 92). Por outro lado, a insurgência de Zu não é libertadora porque resulta da incapacidade de se relacionar e acreditar na humanidade do Outro: “e como em qualquer fé, um exclusivo dos humanos, difícil será saber quando o mal se vai justificar com o bem, o bem se vai justificar com o mal” (COELHO, 2018, p. 82).

No processo de globalização, o Oriente conheceu a expansão das indústrias tecnológicas de ponta que se deslocalizaram do Ocidente a partir da segunda metade do século XX. Zu é a súplica desse processo e o desdém que o Rei e ele sentem pelo que de humano os rodeia é o que resulta de um impulso de ideia universal que se encurrala em si mesma, a causa e a consequência do fracasso deste sistema: a insurgência de Zu não oferece soluções quando este acaba isolado numa parte da região, sem acesso ao computador, e é confrontado com a história de violência arbitrária que sustentou o poder do Rei; o Rei termina igualmente encurralado na pirâmide, templo contruído para a sua própria gratificação sexual e vaidade. Em *A nossa alegria chegou*, o Rei e Zu, metáforas da dicotomia Ocidente/Oriente, representam o encurralamento e a esterilidade a que o pensamento moderno se condena continuamente, assente em renovados jogos de visibilidade e invisibilidade da realidade social e em formas violentas de poder.

Multidão e cosmopolitismo

Hardt e Negri diferenciam “multidão” de “povo” enquanto sujeitos sociais. Ao contrário deste, o conceito de multidão não anula a diversidade e multiplicidade que distingue os indivíduos: “diferentes culturas, raças, etnias, géneros e orientações sexuais; diferentes formas de trabalho; diferentes maneiras de viver; diferentes visões de mundo; e diferentes desejos” (HARDT e NEGRI, 2004, p. 12). As singularidades internas são preservadas pelo que urge à multidão descobrir o comum “que lhe permite comunicar-se e agir em conjunto” (HARDT e NEGRI, 2004, p. 14). A noção de comum não preexiste ao conjunto das singularidades. Em colaboração e no processo de comunicação, elas também produzem o comum numa espiral de relações.

Em *A nossa alegria chegou*, Ossi, Ira e Aurora estão unidos pelo pacto que firmaram até o final do equinócio e unidos por serem vítimas, de uma forma ou de outra, dos desmandos e egoísmo do Rei. Contudo, e apesar do objetivo, mantém cada um as suas especificidades. Ossi, negro, arpoador, do povo do vulcão, é filho mais novo do pescador que se tornou um dos primeiros servos do Rei, numa tentativa de ter um sustento mais certo do que o mar, que morreu a tentar defender os filhos mais velhos das mãos do sub-capataz que tinha invadido a propriedade para resgatar o pai do seu trabalho de servidão. Os filhos morreram também e Ossi nasceu depois da morte do pai e irmãos. Ira, índio do povo ribeirinho e de feições andrógenas, perdeu a avó, matriarca da família, na enxurrada do rio que se seguiu

ao rebentamento de um dique construído para satisfazer as necessidades da produção de gado e minério do Rei. Aurora, branca e loura, do povo das terras altas, é a filha mais nova de uma professora perita na língua antiga de Alendabar e amiga íntima de Clara, a jovem dada pelos pais para gerar um herdeiro ao Rei. A ambiguidade sexual que envolve a relação dos jovens neste romance é a indefinição do ser em porvir que resiste a imposições de definições de identidade para além dos traços básicos que os distinguem como humanos e mamíferos. Branco, negro e índio, combinação feita de Sul Global, a memória da experiência e dos saberes pronta a refundir-se e a redefinir-se para a redenção humana. Neste sentido, Alendabar com toda a exuberância da sua flora (morambas, cactos da flor índigo) e fauna (tapus, poupatutis, leques brancos e tartarugas rosa) reinventadas resiste também a classificações topográficas. É a diversidade de um Sul Global que se redefine naturalmente e se mostra pleno de equilíbrio: os elementos da natureza, animal, vegetal, plano terreno e espiritual que se interligam em redobradas revelações.

À medida que as horas do equinócio passam, a leitura revela mais relações que unem os três jovens e estes a Úrsula e ao filho Félix, que preparam os ritos fúnebres da morte do companheiro e pai falecido. O ponto nodal é Atlas, nome que tanto guarda possibilidades novas de cartografias por desenhar como encerra o mito da rebelião de titãs contra o poder de Zeus, duramente castigada. Atlas, arqueoastrónomo, estudava “a relação dos antigos com o céu a partir do que sobrevive na Terra” (COELHO, 2018, p. 40). Lançou-se ao mar com uma canoa construída com as técnicas que já tinham construído a canoa primordial, tendo chegado a Alendabar, qual Ulisses chegado da odisséia. A vela da sua canoa foi tecida pela mãe de Ossi, entrelaçadora de jalurana; aprendeu a língua antiga de Alendabar com a mãe de Aurora; conheceu a mãe de Ira que nunca conheceu pai; e, à chegada de Alendabar, conheceu Úrsula, forasteira, de quem teve o filho Félix. As histórias unem as personagens em pontos inesperados, entrecruzando-se e fazendo possibilidades várias de relações que vão sempre dar em Atlas, o forasteiro que maravilhou todos ao chegar a Alendabar de canoa.

Em diversos momentos, a narrativa levanta possibilidades de Atlas ser o pai de Ossi, Ira e de Aurora e, em outros momentos, faz com que estes e Úrsula e Félix tenham vislumbres uns dos outros sem nunca chegarem a interagir. Por outras palavras, existem relações de objetivos e de histórias de vida que se encontram a descobertos e outras tantas por explorar se a interação entre vidas se proporcionar. Na persecução do objetivo comum de destruir o império do Rei em Alendabar, Ossi, Ira e Aurora utilizam o que de mais singular os caracteriza: a força de Ossi, o conhecimento e a agilidade de Aurora e o poder de sedução de Ira. É o espaço biopolítico que se afigura como ponto de partida; não é o espaço público. Cada um no seu lugar, harmonizados no gesto e na vontade e impelidos pelos seus próprios desejos despoletam a mudança revolucionária. Em nenhum momento, é a massa humana que atua, indiferente à diversidade que a compõe; é significativo que cada um atue conforme planeado no seu lugar de ação: Ira no templo, seduzindo e adormecendo o Rei, Ossi enterrando os explosivos e fazendo-os explodir perto do matadouro e Aurora raptando o bebé com o intuito de o criar sozinha.

Ossi, Ira, Aurora e Úrsula (em diálogo com Félix) são os continuadores de uma memória preservada pela tradição oral que emerge em *A nossa alegria chegou* como uma memória de resistência. O trabalho intenso de cartografia, a recolha das técnicas e da língua antiga feita por Atlas, é um gesto de resistência contra a subalternização e invisibilização do que permanece do outro lado da linha do progresso em Alendabar e o não-esquecimento da odisseia de Atlas assegurado por Úrsula, que a narra ao filho, é a continuidade do ato de resistência. Da mesma forma, o conhecimento de Ira sobre as coisas da Natureza, transmitido pela avó, índia ribeirinha, matriarca, com um conhecimento xamânico das forças da natureza, e a forma como Ira o aplica nas suas ações constituem atos de resistência. À coexistência de singularidades em ação como atos de resistência, Santos chamou *cosmopolitismo insurgente* porque emergem como forma de emancipação social e o colapso das diferenças e lutas contra a exclusão subalterna e a desintegração (SANTOS 2018, p. 663).

Revolução, afetos e rizoma

Em *A nossa alegria chegou*, a figura do “insurgente” tem na figura do “revolucionário” o contraponto que, ao contrário do primeiro, concentra em si o poder transformador. A primeira figura de revolucionário é o amante cientista de Ira:

Era um revolucionário que acreditava no prazer, na alegria. A alegria é a revolução, dizia ele. Ira pensa nesse homem muitas vezes, e a lembrança é mais feliz do que o tempo vivido. O que talvez queira dizer que foi mais feliz do que então pensava. Ou apenas que a memória favorece a sobrevivência (COELHO, 2018, p. 94).

A revolução assenta no princípio da “rutura radical com as formas ocidentais modernas de pensamento e ação” (SANTOS, 2018, p. 661). Em *A nossa alegria chegou*, a revolução faz-se através dos explosivos que destroem a propriedade do Rei e da libertação dos servos e assenta na crença da redenção humana como fonte criadora de algo diferente e profundamente positivo: “os únicos seres vivos capazes de matar tudo o que existe são também os únicos capazes de criar o que não existe” (COELHO, 2018, p. 171). Patterson considerava que a experiência do sofrimento permite a empatia com o que ele denominou como o “eterno Treblinka” dos animais, residindo aí a nota de esperança perante o horror do processo de desumanização de animais e indivíduos (PATTERSON, 2002, p. 201). Depois de colocar o bebé de Clara longe dos domínios do Rei, Aurora abre as cercas para que as reses, que seriam mortas no matadouro, possam fugir, ao mesmo tempo que num exercício criativo, imagina “milhares de reses levantando voo em todas as direcções” (COELHO, 2018, p. 171). O troar de centenas de reses em direção ao mato, ao rio e à praia anuncia o “fim do mundo”, conforme este está estruturado em Alendabar (COELHO, 2018, p. 173). A revolução passa pela partilha do dinheiro acumulado e nunca dividido pelos servos e pelo resgate da humanidade dos corpos liber-

tados: “Aurora fica a ver a poeira subir no ar. Toda aquela *gente* solta, entregue a si própria. Isto está mesmo a acontecer?” (COELHO, 2018, p. 163, grifo nosso).

Deleuze e Guattari propõem o rizoma como conceito ontológico e pragmático da análise do mundo. Como um tipo de caule que cresce horizontalmente, muitas vezes subterrâneo, mas podendo também ter porções aéreas (DELEUZE e GUATTARI, 2004, p. 6), o rizoma tem de ser lido em conjunto com a terra, o ar, os animais, a ideia humana de solo, e árvore, combinando a materialidade e a imaterialidade do conceito. Contém em si o princípio de conexão e heterogeneidade e de multiplicidade de linhas de leitura. Em *A nossa alegria chegou*, a nova forma de pensamento implica necessariamente a recusa da centralização do saber e do poder; a aniquilação do Rei dentro da sua pirâmide, templo criado à sua imagem narcísica, é simbólica desta recusa. Pelo contrário, são afirmados os valores dos afetos e da memória afetiva: a transmissão do saber passa pelo afeto porque é transmitida por linhas de amor: de avó para neto; de mãe para filho; e pela prática de rituais comunitários que ligam os homens ao mundo invisível e que tornam a comunidade mais unida.

A ligação sexual entre Ossi, Ira e Aurora é a exteriorização do afeto como resistência, uma forma de revolução que contrasta com a impotência sexual do Rei e a assexualidade de Zu: “os três abraçam-se, só respiração, só corpo (oxigénio, hidrogénio, nitrogénio, carbono), até esse pó de estrelas lá no começo. [...] Três corações a bater juntos: afastam-se” (COELHO, 2018, p. 57).

Em Úrsula e Félix, a manifestação de afeto passa por ingerir polpa de moramba, um fruto de Alendabar, com uma pequena parte das cinzas de Atlas, expressão da comunhão de corpos e de almas, transformação da força de Atlas na força emancipadora de Úrsula e Félix, num ritual antropofágico profundamente criador e centralizador da importância do corpo.

Do outro lado da linha, a violência da exploração dos corpos, as novas formas coloniais do exercício do poder e da servidão passam pela subalternização e negação do corpo. A relação entre Zu e Jade, a inteligência artificial que se alojou no seu computador, é a afirmação da negação do corpo e do afeto porque é fundada na incapacidade de experimentar empatia: Zu “criou a máquina que não terá compaixão por ele” (COELHO, 2018, p. 92). Hardt e Negri vêem no amor a redenção libertadora da opressão e da violência (2004, p. 32); a biopolítica a usar o corpo e o afeto como armas na prática revolucionária porque “o prazer já é a revolução” (COELHO, 2018, p. 94). Em *A nossa alegria chegou*, ela emerge como sabedoria ancestral: *upa la te*, a nossa alegria chegou em língua antiga de Alendabar é o novo nome do filho de Clara, que será criado por Aurora como promessa de novos futuros.

O corte proposto em *A nossa alegria chegou* é com o pensamento abissal moderno, assumindo o direito a ler o mundo como rizoma, descobrir novas relações. Com o seu projeto *Antropocenas*, Natálio (2017) defende que urge politizar o Antropoceno para que se ressignifique o ser humano. Em *A nossa alegria chegou*, é a afirmação ao direito à utopia das palavras que se reinventam e se descobrem para ressignificar a relação entre o *antropos* e a natureza. A possível morte de Ira, no fi-

nal da narrativa, resultado de uma bala furtiva, perpetua a memória da dizimação e do sofrimento do Sul Global, embora o seu direito de fala não seja silenciado e, conseqüentemente, não aniquile o direito à utopia revolucionária. A tradução que Ira escreve por baixo das palavras grafitadas em língua antiga, antes de ser atingido, é o gesto oposto ao que fora decidido pelo Rei, silenciando a língua antiga através da imposição da língua colonizadora. Na tradução, são os significados da língua antiga a abrirem-se para “que todos possam ler” (COELHO, 2018, p. 183). As palavras grafitadas *Upa la te* são a memória da resistência do Sul Global, a utopia do amor inteiro que pode mais do que as balas que matam o corpo.

Referências

- COELHO, Alexandra Lucas. *A nossa alegria chegou*. Lisboa: Companhia das Letras, 2018.
- DELANTY, Gerard. Os desafios da globalização e a imaginação cosmopolita: as implicações do antropoceno. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. 33, n. 2, maio/ago. 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-69922018000200373#fn6. Acesso em: 20 jun. 2019.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.
- GREENPEACE BRASIL. Desmatamento na Amazônia cresce 13,7%, o maior dos últimos 10 anos. 23 nov. 2018. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/desmatamento-na-amazonia-cresce-137/>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. *Império*. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- NATÁLIO, Rita. Porquê antropoceno? – projeto antropocenas. *Abuala*, 22 out. 2017. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/a-ler/porque-antropoceno-projeto-antropocenas>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- PATTERSON, Charles. *Eternal Treblinka: our treatment of animals and the holocaust*. Nova Iorque: Lantern Books, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Construindo as epistemologias do sul: antologia esencial*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

Recebido em 21 de outubro de 2019.

Aprovado em 20 de abril de 2020.

Resumo/Abstract/Resumen

Da desumanização à criação: a revolução no antropoceno em *A nossa alegria chegou* de Alexandra Lucas Coelho

Margarida Rendeiro

A nossa alegria chegou (2018) de Alexandra Lucas Coelho é um romance que se posiciona num horizonte de expectativas face ao impacto negativo da ação humana no planeta na era do Antropoceno. Alendabar, espaço totalmente criado *ab novo* e que não corresponde a nenhuma área geográfica identificável, reifica o impacto da destruição ambiental a que se soma a desumanização resultante de um capitalismo antropofágico e voraz. Esta desumanização concretiza-se, por um lado, na coisificação dos trabalhadores e, por outro lado, na incapacidade de quem detém o poder de sentir empatia pelo seu semelhante. Este artigo discute que, em *A nossa alegria chegou* (2018), esta violência apenas pode ser combatida por outras formas de violência que são, em si mesmas, essencialmente regeneradoras. A destruição infligida em Alendabar constrói-se literariamente sobre memórias da exploração, do colonialismo e da opressão que estão presentes na experiência do Sul Global, desenhado e intuído a partir da linha do equinócio. Nas reminiscências de visões ancestrais e de experiências de saberes vividos no sul, resgata-se o valor humano expresso em toda a sua plenitude através de uma revolução radical e violenta, mas regeneradora sob memória simbólica da antropofagia ritualística. Eduardo Viveiros de Castro (2002) afirmou que a antropofagia de Oswald de Andrade é uma reflexão metacultural que produziu uma teoria verdadeiramente revolucionária. Em *A nossa alegria chegou*, é através das imagens dos corpos devorados e libertos que se chega à ressignificação do *antropos* como parte da utopia do amor físico, real e inteiro.

Palavras-chave: Alexandra Lucas Coelho, revolução, memória, utopia, Atlântico Sul.

From Dehumanization to Creation: the Revolution in the Anthropocene in *A Nossa Alegria Chegou* by Alexandra Lucas Coelho

Margarida Rendeiro

A Nossa Alegria Chegou by Alexandra Lucas Coelho (2018) is a novel that stands on a horizon of expectations in the face of the negative impact of human action on the planet in the Anthropocene era. Alendabar, an entirely newly created space which does not correspond to any identifiable geographic area, reifies the impact of environmental destruction in addition to the dehumanization resulting from anthropophagic and voracious capitalism. This dehumanization is reflect, on the

one hand, in the objectification of the workers and, on the other hand, in the incapacity of those who have the power to feel empathy for their fellowmen. This article discusses how, in *A Nossa Alegria Chegou*, this violence can only be combated by other forms of violence which are, in themselves, essentially regenerating. The destruction inflicted on Alendabar is built literarily on memories of exploitation, colonialism and oppression that are present in the experience of the Global South, designed and sensed from the line of the equinox. In the reminiscences of ancestral visions and experiences of wisdom of the south, the human essence, expressed in all its fullness is recovered through a radical and violent but regenerating revolution, under the symbolic memory of ritualistic anthropophagy. Eduardo Viveiros de Castro (2002) stated that Oswald de Andrade's anthropophagy is a metacultural reflection that produced a truly revolutionary theory. In *A Nossa Alegria Chegou*, it is through the images of the devoured and released bodies that the resignification of the anthropos is reached as part of the utopia of physical, real and whole love.

Keywords: Alexandra Lucas Coelho, revolution, memory, utopia, South Atlantic.

De la deshumanización a la creación: la revolución en el Antropoceno en *A nossa alegria chegou* (2018) de Alexandra Lucas Coelho

Margarida Rendeiro *A Nossa Alegria Chegou* (2018) de Alexandra Lucas Coelho es una novela que se posicina en un horizonte de expectativas frente al impacto negativo de la acción humana sobre el planeta en la era del Antropoceno. Alendabar, un espacio completamente creado *ab novo* y que no coincide con ninguna área geográfica identificable, reifica el impacto de la destrucción ambiental, a la que se añade la deshumanización resultante de la prevalencia de un capitalismo antropofágico y voraz. La deshumanización se concretiza, por un lado, mediante la cosificación de los trabajadores y, por otro, a través de la incapacidad de quien tiene el poder de empatizar con su semejante. Este artículo propone que en *A nossa alegria chegou* esta violencia solo puede ser contrarrestada por otras formas de violencia, que son en sí mismas esencialmente regenerativas. La destrucción en Alendabar se construye literariamente sobre recuerdos de la explotación, el colonialismo y la opresión que están presentes en la experiencia del Sur Global, diseñado e intuido a partir de la línea del equinoccio. En las reminiscencias de visiones ancestrales y experiencias de conocimientos vividos en el Sur, la esencia humana expresada en su plenitud es recatada a través de una revolución radical y violenta, pero regeneradora bajo la memoria simbólica de la antropofagia ritualista. Eduardo Viveiros de Castro (2002) afirmó que la antropofagia de Oswald de Andrade es una reflexión metacultural que produce una teoría verdaderamente revolucionaria. En *A nossa alegria chegou*, es a través de las imágenes de cuerpos devorados y liberados que los *antropos* se resignifican como parte de la utopía del amor físico, real y total.

Palabras clave: Alexandra Lucas Coelho; revolución; memoria; utopía; Atlántico Sur